

NESTA EDIÇÃO, O “EM PAUTA” É FRUTO DO BELO ENCONTRO DE PSICANÁLISE QUE OCORREU NA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, NO ANO DE 2016, CUJO TEMA FOI: “OLHAR MAIS ALÉM DO IMEDIATO: POSIÇÃO PARA UMA TEORIA DO AMOR”. PARA ESTE ENCONTRO FORAM CONVIDADOS OS PSICANALISTAS BÁRBARA DE SOUZA CONTE E EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA.

OLHAR MAIS ALÉM DO IMEDIATO: POSIÇÃO PARA UMA TEORIA DO AMOR EM PSICANÁLISE

LOOK BEYOND THE IMMEDIATE: POSITION FOR A THEORY OF LOVE IN PSYCHOANALYSIS

Bárbara de Souza Conte¹

Resumo: O trabalho aborda a importância do olhar como constitutivo do sujeito e do estabelecimento da alteridade como ligação psíquica com o outro. Desenvolve-se a partir de uma exposição de fotos pintadas de pessoas que apresentam esquizofrenia e retardo mental. Em um díptico, vemos a artista incluir-se, marcando com sua imagem incorporada à foto a inscrição "eu estive aí". Passamos então a discutir a brecha que introduz a alteridade como posição de espaçamento que abre as possibilidades de amor.

Palavras-chave: Olhar. Alteridade. Amor.

Abstract: The work addresses the importance of looking as constitutive of the subject and of the establishment of otherness as a psychic connection with the other. It develops from an exhibition of painted photos of people with schizophrenia and mental retardation. In a diptych, we see the artist included herself, marking with her image embedded in the photo the inscription "I Was There". We then proceed to discuss the breach that introduces otherness as a position of spacing that opens the possibilities of love.

Keywords: Looking. Otherness. Love.

¹Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do projeto SIG Intervenções Psicanalíticas e participante do projeto Clínicas do Testemunho/ Instituto APPOA/ Comissão de Anistia. E-mail: barbara.conte@globo.com

INTRODUÇÃO

O título do encontro que originou este escrito supõe olhar/ser olhado na dimensão do imediato do olhar ao mediado do encontro. Ambos momentos supõem uma posição. Olhar mais além do imediato supõe ultrapassar o fato. O olhar requer o ser olhado para que algo se provoque, uma posição. “Aquilo que vemos vale – vive – apenas por aquilo que nos olha” afirma Didi-Huberman (2010, p. 19), o que supõe, portanto, de que maneira nos olha aquilo que vemos e como nos constitui este encontro. Dois tempos que vão construindo o mediado, em nossa perspectiva, o que chamamos de alteridade, a ligação psíquica

com o outro.

MEDIAÇÃO DO AUTOERÓTICO AO NARCISISMO. POSIÇÃO QUE O OLHAR CONVOCA

Aprendemos desde Freud (1914/2004) que o primeiro tempo da constituição psíquica se constrói na passagem do imediato ao mediado, na transformação necessária do autoerotismo ao narcisismo, o que se chamou de nova ação psíquica. No tempo “auto” a satisfação está *in situ*, em uma parte do corpo, no mesmo lugar em que a excitação se produz. O prazer do órgão onde a satisfação não é unificada, é fragmentada, imediata. Momento em “que a ruptura e a descontinuidade seriam estabelecidas entre a fragmentação e a unidade psíquica” (BIRMAN et al., 2016, p. 26). Esse tempo é descrito como eu real originário, do prazer-desprazer que supõe o olhar não interpelado pelo outro e que Laplanche (1989, p. 78) tão bem marca dizendo que o “auto-erotismo e o narcisismo não definem modos fundamentais de relação com o mundo em geral, senão modos de funcionamento sexual e de prazer”. Podemos dizer, então, que o olhar do outro produz efeito, mas não há reconhecimento nem de si e nem do outro.

Em um outro tempo, a nova ação psíquica se agrega ao autoerotismo e constitui o narcisismo (FREUD, 1914/2004). O objeto se reflete, o herói se espelha a partir de quem o olha. Narciso vai em busca da unificação do próprio corpo. É nesse sentido que o narcisismo é correlativo ao nascimento do eu, narcisismo de “sua Majestade o bebê”, que introduz a ordem das instâncias ideais. Olhar da mãe que reflete o bebê dando contorno à interrogação do “Quem eu sou? Quem és tu?”.

Tempo do estágio do espelho como formador do eu (*moi*), em que a criança se subtrai do registro do gozo que captura seu corpo ao desejo da mãe e introduz o narcisismo como dupla face: uma derivação pulsional através do olhar da mãe (eu ideal) e o revestimento narcísico que proporciona a unificação de um eu, primeiro esboço da subjetividade: Quem sou eu?

Lacan (1949/1998) fala da identificação como uma transformação produzida no sujeito, que ele assume como uma imagem de si. Matriz simbólica em que o eu se precipita de forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Assim, o campo dos ideais se inscreve e remete a uma posição do sujeito frente àquele/àquilo que o olha. Posição de alienação narcísica, campo do imaginário na formação do eu (*moi*) que o captura ao outro. Em outro tempo, temos a passagem deste outro pela criança, imprimindo as marcas identificatórias e a lei que dá acesso ao eu (*je*), sujeito do inconsciente, instaurando o campo simbólico e do amor.

Retomando Freud (1914/2004), em sua reflexão a partir dos dados empíricos da clínica da neurose e da psicose, aparece o valor dos conceitos da libido do eu e libido objetual em consonância com o questionamento quanto à possibilidade ou não do estabelecimento da neurose de transferência. Em seu texto, Freud discute com Jung sobre os efeitos da distribuição da libido entre o eu e o objeto,

ressaltando que se há introversão da libido ao eu, esta seria a causa da perda da realidade a partir da criação de objetos irreais que represam a libido e geram um processo de adoecimento que se manifesta por meio do delírio, da regressão, e de manifestações sintomáticas de restituição, ou seja, novo esforço para dirigir a libido ao objeto.

Buscamos então reunir o tempo do olhar que cinde o sujeito, que inaugura a constituição do eu (*moi/imaginário*), da alienação e da direção da libido no eu. Cruzamento que nos provoca como analistas ao desafio da clínica que é como “tocar... fisgar... olhar” nosso paciente no tempo da transferência, do amor de transferência, porque “tocar” em nossa prática clínica, em nosso fazer ético, é estarmos como alguém que ouve na equivalência do olhar. Ouvimos/olhamos para o sujeito que temos como paciente no ponto desde onde ele fala, ou seja, seu sofrimento. Enquanto analistas estamos ali, onde o sofrimento se mostra como sintoma, esconde-se sob a resistência, ou, ainda, sob a introversão que faz com que a sexualidade se desnude no imediato da repetição.

Tendo em conta a delicadeza do trabalho analítico, apresento o trabalho artístico de Marta Pacheco que me “tocou... fisgou” em como se inscreve o olhar para dar lugar à identificação e ao amor.

MARTA PACHECO: O TRABALHO SOBRE A LOUCURA

A série de fotos realizadas por Marta iniciou em 1998 e chama-se *Os exilados do império da razão*. São cerca de 30 fotografias pintadas, de pessoas cujos problemas vão da esquizofrenia ao retardo mental, onde a autora centra-se em

capturar a expressão dos indivíduos que sofrem, cujos rostos despertam uma ternura ao mesmo tempo que produzem uma primeira reação de rechaço, quem sabe porque de alguma maneira representam o medo a perder o equilíbrio entre a saúde do corpo e a da mente, sustentado desde tempos remotos. (MOCTEZUMA, 2013, p. 75).

Ao olhar a exposição senti este momento inicial “estranho”, de rechaço e fascínio, que tão bem identificamos frente ao sinistro.





A artista apresenta neste trabalho uma característica instigante: participar como personagem central em uma de suas obras, atribuindo um caráter autobiográfico¹. Sua imagem incorporada ao quadro marca a inscrição de “eu estive aí”, referência de sua participação como testemunho de uma cena vinculada com sua experiência. A representação de Pacheco dentro da série implica um ato de experiência de alteridade.

Esta é a marca de seu trabalho que, como diz o título, evoca a violência e a imposição – exilados do lugar onde há uma organização política de poder. São rostos de “pessoas desterradas cuja razão não concorda com os parâmetros impostos pela imperiosa necessidade de ordem e pelo rigor da ciência” (MOCTEZUMA, 2013, p. 87). A autora sustenta que a arte abre esta fenda para que algo se passe com quem olhe, uma possibilidade de se identificar com o outro, apesar da reação de rechaço inicial frente ao realismo brutal de seus rostos.

AMOR E(M) TRANSFERÊNCIA: POSIÇÕES DE ESPAÇAMENTO

O trabalho de Marta convoca a penetrar em um espaço fechado. Abrir uma fenda. Tentar instalar-se no “eu estive aí”, experiência de inscrição de um olhar. Tentativa de acesso entre a introversão - pela falta ou excesso de olhar - e a alteridade que abre espaços. Espaçamentos que podem criar-se dependendo do olhar, da posição de mediação necessária que o analista estabelece a partir de sua escuta, olhar possível da diferença.

Quando se diz que podemos, enquanto analistas, entrar na brecha que se abre do inconsciente ou do vazio que ficou sem palavra, falamos deste espaçamento, um devir-tempo, outro tempo, que é o de outra escuta possível. Este é o sentido que atribuí Derrida ao termo *différance*:

Não é uma distinção, uma essência ou uma oposição, mas um movimento de espaçamento, um “devir-espaço” do tempo, um “devir-tempo” de espaço, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 34).

É uma relação com o outro, sem que seja necessário para que ela exista, congelá-la ou fixá-la em uma distinção. É um desvio necessário do autoerótico, do narcisismo alienante e idealizado, da libido centrada no eu para o amor.

Sentido que podemos atribuir à nossa posição ética como analistas: colocarmo-nos na cena não para explicá-la, mas para marcar nova inscrição que abra a possibilidade de que um investimento libidinal se mova, criando um espaçamento que inscreva um novo olhar/palavra do “eu estive aí”. Espaçamento que se coloca na intersecção do recurso possível do paciente (introversão da libido ou neurose de transferência) com o desejo do psicanalista de se colocar, meter-se com seus pacientes com organizações psíquicas precárias ou primitivas.

A psicanálise, como bem demonstra a diversidade da clínica atual, apresenta um universo bem mais amplo do que Freud preconizou. Precisamos nos interrogar - isto sim! - se queremos nos meter com eles, na diversidade de suas apresentações, ou seja, nas várias organizações possíveis do mundo psíquico do sujeito. Ao lado da repetição onde a cena é descarregada – não mediatizada – há sempre a busca de um objeto que o olhe, a fenda que se abre. Pode ser também que esse espaçamento só dê lugar ao vazio, como nessas palavras: “toda vez que eu chego perto de falar da tortura me desorganizo, pois frente ao horror só há o vazio. Não é o branco do esquecimento, é o vazio”. Há o lugar do vazio, mas há também a fenda que permite um olhar em outra posição.

É aí que se introduz o analista com sua ética: um olhar/escuta transformador que abre o espaço para o investimento de amor de transferência. Assim como “um objeto agido sobre ele, ritmicamente agido. O vai e vem de algo perdido e de algo que resta” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 97). Clivagem que é sempre criação, pois algo é perdido (o eu prazer purificado/o indizível/o imediato), mas o algo que resta, a fenda possível, cria uma nova inscrição. Como o trabalho que Marta realizou com as pessoas que fotografou.

Quero ressaltar a posição dos analistas não como de espelhamento, que produz o duplo, mas a possibilidade de um “eu estive aí” que marca uma função de investimento, de possibilidade para o amor de transferência.

A instância “ideal” torna-se protagonista da transferência como amor, mas pode também se tornar mortífera, quando captura o analisando neste ideal. Forma do gozo do outro que aprisiona, quando não se impõe como diferença e privação, mas como constante imagem presente que parece dar sustentação a essa incessante demanda de desfrutar, satisfazer-se, descarregar. (CONTE, 2016, p. 143).

Daí lembrarmos que identificação e amor são diferentes. Nossos analisandos não têm que ser como nós.

Da mesma forma como Freud pensou que deveria haver investimento libidinoso do paciente dirigido à figura do analista para configurar uma análise, na contrapartida pensamos que tem de haver a função objetalizante (GREEN, 1995) das pulsões de vida ou de amor por parte do analista. Esta é a proposta de

criação que tem como consequência, por mediação do sexual, o trabalho em transferência, a instauração do campo da simbolização. Não é só o analisando que desobjetaliza, muitas vezes, o analista o faz quando não reconhece o que há de sexualidade nas possibilidades mediadas de seu analisando, ou seja, para além do imediato do acontecimento. Não é demais colocar que há trabalho forjado a dois desde que “eu esteja aí” inscrito a partir da escuta ética/abstinente, deslocada do imediato. Green (1995, p. 123) é preciso quando diz que “a função objetalizante deve atender a uma contradição que lhe é inerente: que nela é decisivo o papel do objeto primário e que sempre há mais de um objeto”.

Essa é nossa posição enquanto psicanalistas de “estar aí” como um novo objeto que supõe a *différance*, o desvio, o espaçamento, e desde aí fazer a trajetória de uma possível teoria do amor.

NOTA

¹ Esta exposição ocorreu em 2016 em Guanajuato (México) na casa-museu de Diego Rivera e somente nestas duas fotos, que no original é um díptico, a artista se inclui na foto, em uma com sua imagem borrada e em outra com sua imagem nítida, daí denominar autobiográfico.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J.; FULGENCIO, L.; KUPERMANN, D. et al. **Amar a si mesmo e amar o outro**. Narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. São Paulo: Zagodoni, 2016.

CONTE, B. Amor de transferência. In: PEREIRA, D.; SQUEFF, R. B. (orgs.). **A psicanálise e o amor**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã... diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004 [1914]. v. I.

GREEN, A. **El trabajo de lo negativo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1949].

LAPLANCHE, J. **Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: la seducción originaria**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

MOCTEZUMA, M. F. M. **Locura y muerte: el horror y lo sublime en la pintura de Marta Pacheco**. Guadalajara: El Colegio de Jalisco, 2013.